

A GEOPOÉTICA DO HABITAR NA AMAZÔNIA-MARAJOARA (PARÁ): FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA RIBEIRINHA

The dwell geopoetics in the amazon marajoara (Pará): phenomenology of riverside experience

Felipe Kevin Ramos da Silva¹

RESUMO

O presente estudo tem como recorte espacial a comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, pertencente ao município de Muaná, mesorregião do Marajó (PA), com objetivo de compreender a relação entre os habitantes do lugar e seu mundo circundante (*Umwelt*), no contexto do espaço vivido e da dinâmica socioambiental da comunidade, resgatada na memória, percepção e vivência comunitária. Metodologicamente, se estabelecem diálogos entre a fenomenologia e existencialismo como procedimento indissociável de se pensar um projeto humanista em geografia, admitindo a existência da geopoética do habitar ribeirinho, que se concretiza por via das experiências cotidianas, nas atitudes e valores ambientais como dimensões da cultura ribeirinha marajoara. Descrever que poeticamente o homem habita em nosso contexto é antes de qualquer coisa, reconhecer que a Amazônia não é um “espaço vazio”, mas constituída por geograficidades diversas.

Palavras-Chave: Habitar. Linguagem. Lugar. Paisagem. Muaná.

ABSTRACT

The present study has as a spatial description the “Joaquim Antônio” community, belonging to the municipality of Muaná, mesajoregion of Marajó (PA), in order to understand the relationship between the inhabitants of the place and its surrounding world (*Umwelt*), in the context of Lived space and the socio-environmental dynamics of the community, rescued in the memory, perception and community experience. Methodologically, dialogues are established between phenomenology and existentialism as an inseparable procedure to think of a humanistic project in geography, admitting the geopoetic existence of the inhabitant of the river, which is realized through everyday experiences, in environmental attitudes and values as dimensions of culture Riverside marajoara. To describe what poetically man dwells in our context is first of all to recognize that the Amazon is not an “empty space”, but consists of diverse geographies.

Key-words: Dwell. Language. Place. Landscape. Muaná.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará (PPGEO/UFGPA). felipekevin.geografia@gmail.com.

✉ Rua Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém, Pará. 66075-110.

INTRODUÇÃO

Vocês veem como estou escrevendo à vontade?
Sem muito sentindo, mas à vontade? Que importa o sentindo?
O sentido sou eu.

Clarice Lispector (2004)

A escritora Clarice Lispector nos traz, ou melhor, nos convida a pensar, qual o sentido do sentido? Em termos geográficos, como pensar os signos narrativos, que homens e mulheres atribuem às suas vidas no aqui e no agora? Por quanto a Geografia dispõe por não considerar as paixões humanas, ou se preferirmos, as “geosofias” como nos fala o geógrafo John K. WRIGHT (2014), que emanam da Terra como mundo possível? Perguntas complexas que merecem uma adequação teórica e prática profunda, como um projeto indissociável para se pensar a complexidade das populações tradicionais na Amazônia, inspirando, naturalmente, um pensar-fazer geográfico que avance mais em termos epistemológicos que lógicos, como nos ensina Livia de Oliveira (1999).

Nesse sentido, aventurei-me por terras distantes: em uma comunidade ribeirinha² da Amazônia-marajoara (Pará). A comunidade pertence ao município de Muaná, microrregião do Arari, oficialmente mesorregião do Marajó (Figura 1). Uma comunidade que divide seu existir entre o rio e a floresta. Entre o rio e a floresta, infinitas possibilidades de ser. As viagens de campo percorrem nas seguintes demarcações cronológicas: 21/04/2016 a 25/04/2016; 26/05/2016

² A viagem até a comunidade “Joaquim Antônio” requer fôlego, paciência e, sobretudo, um “libertamento” de ações/pensamento/attitudes “urbanocêntricas”. Da capital Belém à pequena cidade de Muaná (Marajó), em média, são cinco horas de viagem, de barco/balsa. De Muaná à comunidade ribeirinha, são mais duas horas de viagem, em uma pequena embarcação. No total gasta-se (e/ou ganha-se no sentido de experiência geográfica) mais ou menos de sete a oito horas de viagem.

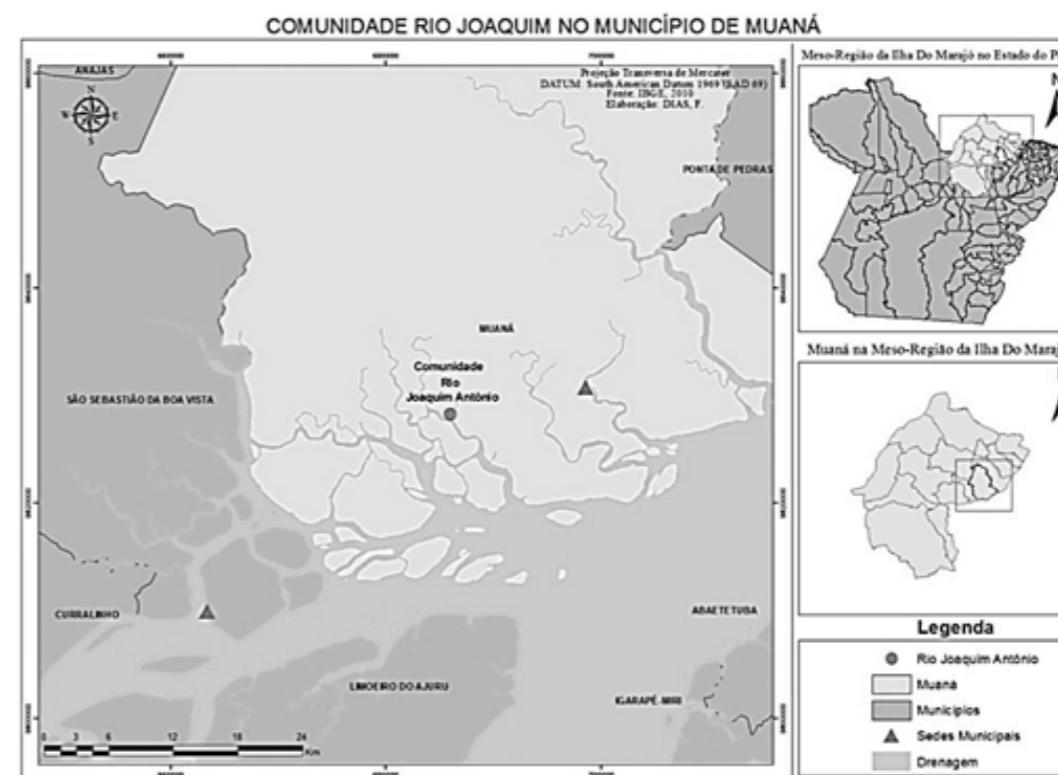


Figura 1: Mapa de localização da comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, Muaná, Marajó (Pará).

Fonte: IBGE, 2010.

a 30/05/2016; 15/07/2016 a 30/07/2016; 10/10/2016 a 15/10/2016; 23/12/2016 a 26/12/2016, no qual lancei mão de qualquer formulação prévia e instrumental da realidade, conforme Geertz (2008).

A hidrografia do município de Muaná é representada, principalmente, pelo rio Parí, que fica ao sul e a sudeste e para o qual converge toda a drenagem do Município. Nessa região, destaca-se o rio Pracuúba e seu afluente, o rio Guajará, que servem de limite oeste com o município de São Sebastião da Boa Vista. O Pracuúba, após receber o rio Guajará e os furos Atatá Grande, Fronteira e Japuaçara, forma várias ilhas e deságua no rio Parí. O furo Atatá Grande, de curso largo e curto, se interliga com vários furos e recebe o rio Tapuruquara e deságua no rio Parí (IDESP, 2011).

Por certo tempo – pode-se dizer que ainda é – a história social da região Amazônica sempre esteve ligada à história da exploração de seus recursos, sejam eles naturais e/ou humanos. Excluem-se, nesse contexto, as representações³ espaciais das populações humanas aqui já existentes, seus saberes ambientais, línguas, em síntese, suas culturas, em substituição a modelos “desenvolvimentistas” e “integradores” que no final das contas só preservavam o direito à exploração por parte dos Grandes Projetos (LOUREIRO, 2002). De um modo geral, a partir da década de 1970, acaba-se “concretizando” discursos como “Terra sem homens para homens sem terra”, isto é, uma “pseudoconcreticidade” (KOSIC, 2006) de “espaço vazio” a ser habitado (BERCKER, 2005).

Acredito ser fundamental pensar a Amazônia enquanto região, território/espaço de “heterotopias” (FOUCAULT, 2001), entre fricções de grupos hegemônicos que muitas vezes negam a existência das comunidades tradicionais, levando a uma amnésia seletiva da história social dessas comunidades, logo, suas memórias, percepções e vivências, importantes para formação da cultura amazônica, afinal, “falar de regiões é falar de realidades sociais já existentes” (CLAVAL, 2002, p.5). Nota-se, de um modo geral, que a região Amazônica possui uma grande diversidade de recursos naturais⁴ que ha muito tempo fazem parte do cotidiano e da dinâmica socioambiental das comunidades tradicionais, sendo elas quilombolas, indígenas e, em nosso caso, ribeirinhas.

3 Em termos de esclarecimento, as “representações espaciais”, seriam as formas como a comunicação entre as escalas (por isso a necessidade de se pensar a interescalaridade), neste caso, local-global coexistem ou se correlacionam, não automaticamente, no espaço geográfico. Esta representação pode “admir de uma representação espacial que não o é”, portanto, sendo algo que pode admir do outro, negando as geograficidades diversas (PANTOJA, 2015b).

4 “Na Amazônia, tudo possui proporções gigantescas: tem o rio mais volumoso do planeta; é o maior conjunto contínuo de florestas tropicais e uma das maiores biodiversidades do mundo. O bioma Amazônia está distribuído por mais de 50% da superfície da América do Sul, alcançando nove países e toda a porção norte do Brasil [...]” (SIMONIAN et al., 2015, p.14).

Acredito ser importante ressaltar que o presente estudo – embora não seja nosso objetivo de pesquisa – é, por vezes, por consequência natural, um exercício de libertação do fazer-pensar geográfico essencialmente amazônico, denunciando as amarras do cientificismo que por vezes esquematiza o mundo, reduzindo-o a sistemas de abreviações, algo típico do pensamento positivista (RELPH, 1970). Abreviando o mundo, abrevia-se a vida que anima este mundo. Portanto, o presente estudo é, de certa maneira, uma crítica sobre a todo sistema que “apequena” os lugares onde a vida se realiza potencialmente, como bem faz nossa geopolítica educacional, negando por vezes, no caso Amazônico, as imaginações espaciais e o próprio ser amazônico (PANTOJA, 2015a).

É a geopoética⁵ do habitar ribeirinho que nos interessa. Não como objetivo a ser caçado, mas, metodologicamente, a partir de uma descrição densa que estimule a importância do “mundo vivido” ribeirinho, sobretudo, nos estudos geográficos, considerando a subjetividade humana como instrumento desta realização científica, sendo aquilo que Wright (2014) nos ensina como “geosofia”. No movimento entre topofilias e topofobias, as pessoas se realizam como indivíduos de uma comunidade. Em cada passo uma poesia, em cada poesia uma geografia, um dado de experiências a ser sempre experienciado. Esse é o nosso objetivo sem objetivar, no desvelamento do contato íntimo da existência que se realiza à beira rio, de onde emana vida, a geopoética do habitar, nos permitindo “o exame da relação entre as formas e os conteúdos do[s] homem[s] [e

5 Em termos de esclarecimento, a “geopoética é a forma mais radical da manifestação poética, porque ela é o próprio trazer-se à luz, ela é autoemergente. Ao mesmo tempo, ela é puro enigma, porque ainda não está desvelada em seu próprio acontecer, porque não foi revelada em sua própria revelação e, sobretudo, porque se mantém em sua essência resguardada. O retorno à proximidade da Terra é o revelar a geopoética por uma linguagem cuidadora, que não enfraquece ou arruína aquilo que enviou sua saudação e se presenta: a linguagem poética” (DAL GALLO, 2015, p.46-47).

mulheres] do mundo ao seu redor, o sujeito e sua experiência do ambiente” (GOMES, 2016, p.18).

A geopoética visa levantar questões que são pertinentes a “visualização” daquilo que se tornou, por vezes, “invisível”. Isso sem falar – considerando minhas experiências como Professor da Rede Particular de Ensino – que pouquíssimas vezes as comunidades tradicionais na Amazônia ganham importância nos livros didáticos no ensino básico, negando a existência do ser amazônico e suas contribuições para formação social, histórica e geográfica da Amazônia como palco de singularidades étnicas. A interpretação da paisagem como texto a ser decifrado faz-se necessária enquanto instrumento perceptível da construção material-simbólica dos grupos sociais culturalmente especializados, logo, um possível mecanismo para o planejamento ambiental, como nos ensina o geógrafo Yi-Fu Tuan (2012) em sua obra “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, em prol do princípio da dignidade humana como direito público (ARENDDT, 2002).

Nesse sentido, o primeiro movimento abordará a construção do lugar. O segundo se direciona a experiência como campo do saber geográfico. O Terceiro movimento traz à luz do **pensar** uma geografia que nasce no mundo vivido: a linguagem geográfica direcionada em sua poética, onde o poeta é o ribeirinho resguardado em sua relação visceral com seu ambiente: a geopoética. A geopoética nasce, portanto, nesse contato íntimo com a Terra, na casa, na ponte, no rio, na floresta, nos campos, como desvelar poético e devaneante do ser ribeirinho.

LUGAR, EXISTÊNCIA E O MUNDO VIVIDO RIBEIRINHO

Iniciamos este primeiro movimento com a seguinte afirmação: “as coisas existem por si mesmas, mas são conhecidas para nós em suas interpretações, que influenciam ou obscurecem a natureza de cada uma” (OLIVEIRA, 2014, p.4). A comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio” integra o município da pequena cidade de Muaná, oficialmente mesorregião do Marajó (Pará), no qual seu ambiente físico corresponde a uma área de várzea, que “[...] são ambientes costeiros recentes na escala geológica, formadas no período holocênico atual e constituem na tipologia mais representativa de ambientes inundáveis da Amazônia” (AMARAL et al, 2007, p.42-45). Aí se estabelece o habitar poético (Figura 2).

A realidade ribeirinha é marcada por intencionalidades que estão sempre em sintonia com a dinâmica da natureza física, que por relação transforma cotidianamente as atitudes e valores ambientais, estabelecendo uma linguagem espacial própria. Parte-se do princípio no qual “a linguagem poética é capaz de realizar uma ontologia da Geografia quando se coloca como a possibilidade de se aventurar na vocação do poeta de retornar à proximidade



Figura 2: À esquerda, sede da comunidade onde se realizam eventos relacionados a igreja católica. À direita, Jovem puxando seu casco para a beira na medida em que o rio seca.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

da origem como uma emergência primeira a que chamamos de Terra” (DAL GALLO, 2015, p.47). O ribeirinho é o nosso poeta. Entendendo o habitar como dimensão significativa do fazer poético da existência, iremos mergulhar em sua “imaginação geográfica” (WRIGHT, 2014) para o melhor entendimento de seu mundo circundante (*Umwelt*), da geopoética, isto é, de suas relações íntimas com o rio, a floresta, ou seja, a “geograficidade” (DARDEL, 2015) própria da comunidade emanando como linguagem poética para abertura fenomenal do ser ribeirinho em seu ato de poetização da existência.

Há mais ou menos trinta e cinco anos a comunidade “Joaquim Antônio” nascia, de um pequeno grupo de católicos que inspiravam encontros em uma singela capela, no qual reuniam devotos de vários lugares, de outras comunidades. Segundo a Dona Timar – umas das primeiras moradoras da comunidade, hoje com 65 anos de idade – nos descreve, que dessa pequena capela, ainda bem simples, aconteciam os encontros, as reuniões, e os primeiros sinais da gestação de uma comunidade ribeirinha que hoje conta com quarenta famílias:

Há trinta e quatro, não, há trinta e cinco anos começamos a participar ali, no grupo de jovens. Assim, não era formada assim como é hoje, mas a gente participava, ali no Divino. Aí de lá a gente começou a fazer celebração, o rapaz construiu uma capela, e da lá passamos aqui para casa de minha sogra. Chegamos a ir de remo para cidade [de Muaná] para as missas, o Padre vinha para cá. Aí depois nós formamos [...] depois passou aqui para nossa casa. Passamos uns quanto tempo fazendo reunião (Conversa realizada com Dona Timar, 65 anos de idade, no dia 22 de dezembro de 2016).

E ainda:

Foi através da celebração dos cultos, com aquela “equipezinha”, aí foi crescendo. Foram colocando novena, a novena de nossa senhora do perpétuo socorro, na quinta-feira Santa Rita da

Cássia, aí foi se chegando. Aí quando o Padre vinha dava bastante gente. Agora [num “pulo” temporal] organizamos o círio, as pessoas cooperam muito com a gente, das outras comunidade, daqui mesmo do setor, um traz o pato [...] e na hora do leilão todo mundo arremata, quer dizer, uma participação boa porque a gente tem ajuda do povo né (Conversa realizada com Dona Timar, 65 anos de idade, no dia 22 de dezembro de 2016).

Seu marido, o Sr. Raimundo, reforça a história ao dizer que,

O principal [fundadores da comunidade] foi minha mãe, ela né, minha sogra, meu sogro. E a gente tá numa missão, que é de evangelizar, dá continuidade aquilo que Deus deixou na terra: “ide e espalhar as boas novas”. A gente que é católico tem essa missão, as evangélicas também. A gente tá nesse trabalho, é um trabalho assim, que o tempo todo tem que está a servo o povo, especialmente nessa época de natal (Conversa realizada com o Sr. Raimundo, 68 anos de idade, no dia 22 de dezembro de 2016).

O lugar como realização da existência humana chama a memória como essência do habitar, ou seja, o tempo, como nos ensina Tuan (2013), como dimensão importante na constituição dos lugares, conduzida, evidentemente, pelas relações intersubjetivas (SARTRE, 2015); uma comunicabilidade sensório-motor se estabelece, “na qual passado e futuro são presentes pela memória ou pela expectativa” (COSTA; MEDEIROS, 2009, p.377). As conversas, realizadas com a Dona Timar e o Sr. Raimundo, reverberam uma relação de origem comunitária onde a religiosidade, a fé, é o motor de uma realização tradicional, marcada pela ligação sensível com o passado (memória). Esta “ação comunicativa” que faz o Sr. Raimundo expressar que “a maior alegria da comunidade é se reunir para celebração da Palavra [aos domingos]”, faz-me crer que a fé da comunidade não está somente concebida como *religere* metafísico, mas, também, como aquilo que

sustenta as relações em comunidade e com o próprio sentindo de comunidade como mundo possível, conduzindo, então, as atitudes:

Por que a bíblia [...] olha, um dia veio um senhor evangélico, ele queria uma ajuda né, aí eu disse, olha não temos separação [com as igrejas evangélicas] graças a Deus. Se procurar a comunidade nós tá pronto, seja evangélico [...] Vocês "coisam", mas Deus é só um, e por isso nós temos a bíblia para ensinar o nosso caminho [...] se o meu irmão tá precisando eu vou ajudar né. Se ele "ta" com uma dificuldade na família, se eu puder ir ajudar eu vou, aí Deus vai ficar muito mais satisfeito com a gente. A gente tem que ler a bíblia e pensar né, que o que Ele quer só coisa boa [...] Então comunidade é uma coisa muito boa, porque graças a Deus todos os domingos estamos lendo a bíblia [na igreja]. Muitos e muitos não procuram (Conversa realizada com Dona Timar, 65 anos de idade, no dia 22 de dezembro de 2016).

A pequena igreja católica é o epicentro das relações sociais da comunidade, isto porque, a igreja como abastecimento da fé, é também espaço de solidariedade que compreende as relações a partir de princípios comuns, que possam estar sempre em conexão com a vida em comunidade, ou seja, o ser ribeirinho sai de sua condição isolada enquanto ser-para-si, tornando-se ser-em-comunidade, fortificado pelos laços de parentesco, de amizades, desde a infância. No entanto, não significa dizer que o ser-em-comunidade é uma renúncia à própria individualidade enquanto ser mais próprio, mas, trata-se da negação a interesses que possam prejudicar a manutenção da vida em comunidade.

Existe, de fato, uma troca recíproca entre os moradores da comunidade e o dinamismo da natureza física, fortificando suas relações enquanto comunidade, algo que Furtado (1993) define como "sociabilidade". Esta sociabilidade, traduzida por Pereira (2014) como "territorialidade", é uma **abertura** para que compreendamos a sociabilidade – sem negar sua contribuição – por "geograficidade",

enquanto processo dialógico de interioridade/exterioridade, que justificam algumas atitudes e valores ambientais da comunidade, isto é, sua estrutura comportamental enquanto ser-em-comunidade e ao mesmo tempo ser-com-os-outros-em-comunidade como dimensões do *Dasein* do ser ribeirinho. Algo percebido nas atividades de subsistência do cotidiano, a saber: extração do açaí e do barro, na olaria (onde se produzem tijolos), na pesca, etc.

O habitar poético, nesse sentido, é a linguagem geográfica desses conjuntos de emoções da existência à beira rio, do ser-aí ribeirinho. Todo habitar chama um ato: o construir, afinal, "Parece que só é possível habitar o que se constrói" (HEIDEGGER, 1954, p.1). Porém, não somente no sentido material em si que as coisas de constituem, mas na conjuntura de onde se origina a materialidade construída. A casa, um lugar das primeiras relações com o mundo, como nos lembra Bachelard (1978) e Tuan (2013), é uma construção material, concreta no espaço, no entanto, para além disso, a casa ganha um sentindo geo-ontológico na medida em que é também o primeiro espaço de socialização com o mundo e o entendimento no qual se pertence a um mundo-próprio. O mundo ribeirinho. A casa é a negação de uma metafísica "apressada", sendo, a casa, portanto, uma habitação-construção (Figura 3 e Figura 4).

Em ambas as fotos a realização do ser enquanto ser ribeirinho se desvela, na solidariedade geográfica permitida pelas andanças dentro da casa, com amigos, familiares. Os primeiros passos em direção ao mundo e a própria fundamentação de **mundo** transcende o espaço objetivo, chamando atenção à sistemas culturais (GEERTZ, 2008) que nascem nos primeiros passos na casa (TUAN, 2013). À vista disso, embora **habitar** esteja intimamente vinculado ao **construir**, não podemos nos deixar enganar que qualquer construção seja

necessariamente um habitar. Segundo Nunes (2009), habitar é demorar-se numa ocupação, permitindo a si mesmo no campo global de ser (Figura 5).

O que se pode conhecer é a realidade de “Joaquim Antônio”, o dado experienciado em sua essência, no entanto, pertence somente à comunidade. O saber ambiental da criança ribeirinha de como posicionar o instrumento de captura do camarão (matapí), está em desenvolvimento ao modo que observa e ouve os mais experientes. É justamente isso que irá enriquecer este ser espacializante enquanto habitante deste lugar. Observem também, a desenvoltura de seu corpo ao posicionar o matapí estrategicamente no igarapé. É a natureza exigindo, em troca do camarão, uma dedicação sincera do corpo. Ao observar com o coração, a poesia nasce como experiência/linguagem viva sempre em sintonia com a Terra: a geopoética. O poeta? – A criança, seu matapí, no casquinho.

Embora façamos leituras dos mais avançados livros sobre hidrografia jamais saberemos – num sentido de autenticidade e vivência – de como colocar o matapí devidamente em seu local estratégico no igarapé, como o rapazinho, de 12 anos de idade, que nasceu no lugar o faz com excelência. Sua experiência guiada pela percepção e, sobretudo, ouvindo os mais velhos, é sua fonte de aprendizagem: “Coloca o matapí cinco horas da tarde e tiro seis da manhã. O papai me ensinou. Ele ia pro mato e eu ia com ele”⁶. Existe, agora, uma relação entre o ser ribeirinho e a dinâmica da natureza física, a Terra. Falamos, assim, de coexistências:

⁶ Conversa realizada com uma criança, 12 anos de idade.



Figura 3: À esquerda, crianças em frente a sua casa. À direita, família reunida em uma roda de conversa – as crianças sempre presente.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.



Figura 4: Crianças, Jovens e os mais velhos reunidos na sala para preparação do futebol que ocorre todas as tardes, reunindo amigos nos campos até o sol dar espaço a noite. À direita, Reunião para comemoração de Natal.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

O papai ia pro mato eu ia com ele, desde criança, com isso ele criava nove irmãos, dez irmãos! [se corrigindo]. De idade de doze anos comecei andar no mato, doze anos. Trabalhava com roça, açaí. Passei três meses em Macapá [isso com 18 anos de idade] para sobreviver né. Vim me embora de lá. Papai não queria. No tempo em que eu me criei era diferente, o serviço era a madeira e a seringa. Cortava no mato, nessas áreas aqui; cortava pra vender. Hoje não tá diferente, tá melhor pra viver, sai de manhã volta onze



Figura 5: Criança colocando o matapí no igarapé próximo a sua casa.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

horas. Agora o que estraga é carestia que a gente paga pela mercadoria. Tu sabe, tu que vive na cidade, que o que faz subir o preço é o petróleo, por que a gente consome no óleo [...] Quer dizer, que não é mais como naquele tempo, tempo do cara criar [porcos e outros animais] só mesmo para se manter. Olha quem viu, criava galinha e pato pra vender em Belém, agora quem leva? Ninguém. Nem tempo de círio o cara leva, por que já vem tudo de lá. Naquele tempo eu vendia com papai lá no Porto da Palha, lá era um porto, tô cansado de dizer. Eu conheci aquilo, com uns quinze anos de idade (Sr. Ivan, nos concebe essa conversa, realizada no dia 13/10/2016).



Figura 6: Na foto à esquerda, um jovem de 23 anos de idade “desbuiando” o açai. A foto à direita um jovem de 15 anos de idade subindo (“apanhando”) no açazeiro.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

“Naquele tempo [...]” Isso nos desvela uma história, um mundo-possível. Um mundo percebido por um indivíduo que desde muito cedo aprendeu o ofício de trabalhar nas matas, nos rios, desvelando sua condição ribeirinha de ser, seu ser existente. A memória expressa pelo Sr. Ivan surge como “uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada [...]” (FOUCAULT, 2001, p.1), moldando sua existência. É necessário entender que a mesma veia que passa pela cabeça passa pelo coração, e se completa no corpo como presença encarnada no lugar (Figura 6).

Estas fotografias nos revelam dimensões da condição do ser ribeirinho a partir da cotidianidade: o trabalho – a extração do açai. É um trabalho árduo, que exige grande habilidade, inteligência, fé e um condicionamento físico que supera os próprios limites a cada subida e descida das palmeiras. Os calos nos pés e nas mãos e o suor representam a exigência da natureza para o alcance do fruto desejado. O homem pensa, planeja, ordena seu solo, constrói material e simbolicamente seu mundo a partir de uma determinada linguagem, que diz respeito ao seu modo de ser e viver. Daí a comunidade formula sua existência e estratégias de sobrevivência. Estamos, nesse momento, situando a experiência como dimensão essencial do lugar (Figura 7).

Percebemos, de imediato, crianças brincando à beira da ponte, banhando-se no rio “Joaquim Antônio”. O sorriso da criança próximo ao miritizeiro (à esquerda da Figura 7) expressa uma situação de felicidade “simples”, porém, não simplificada, do contato com o rio. O rio apresenta sua dinâmica aos jovens, tal apresentação apreendida por este contato primeiro, pois é

aí que as crianças tomam forma e consciência de seu modo de ser e viver enquanto sujeitos que habitam este lugar: o *Dasein* se manifesta.

As crianças, ao brincar no rio, o vivem em sua dinâmica. Esta sinceridade em viver o lugar liga-se ao que Epicuro (2007) nos ensina em sua “Carta sobre a felicidade”, por exemplo. Considera-se que o princípio da felicidade está em perceber, assim como essas crianças apreendem todos os dias, que existe uma autossuficiência que garante sinceramente da alegria, do sorriso. Essas crianças já estão criando os seus primeiros laços com o ambiente, seu mundo, seu lugar.

Relph (1970) nos ensina que o Lugar não é o mesmo que localização. Falar dos lugares das pessoas, portanto, é demasiado difícil, um enigma, pois não estamos falando mais dos lugares em si, mas, sobretudo, dos sentimentos das pessoas que habitam um lugar. O lugar, nesse sentido, é o espaço do sentir, do vivido como simpatia daquilo que sempre foi, mas se modifica na permanência de ser, “pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria” (OLIVEIRA, 2014, p.5). O lugar é essencialmente tempo lugarizado.

O mundo vivido é um conjunto dessas realizações, fundamentadas no espaço da experiência e sedimentado pelas alegrias e tristezas. Segundo Merleau-Ponty (2000, p.5) “o nosso solo, não é aquilo que está diante, mas o que nos sustenta”, pois é ordenado e validado “como presença, como extensão, como semblante do poder que o habita” (DARDEL, 2015, p.52), ou seja: “Significa ser parte de uma coisa grande, por que em comunidade todos somos família, aqui podemos passear de casco na casa do vizinho, brincar de bola”⁷. Segundo Livia de Oliveira, “o sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua vez, o sentido do tempo [e de escala]” (OLIVEIRA, 2014, p.3).

Esse pensamento que dá sentido a um mundo é uma atitude valorativa da existência ribeirinha e de seu modo de ser-no-mundo enquanto ribeirinho. Ao perguntar ao Jovem o que “significa” **morar** em uma comunidade ribeirinha, adentramos em uma dimensão complexa, isso porque a comunidade embora faça parte, em termos de escalas, de um município, que por sua vez está enquadrado em uma mesorregião etc, percebemos, assim mesmo, que são os momentos vividos que se tornam a maior referência escalar, o mundo vivido, como uma “coisa grande”: “[...] as coisas são bem diferentes das cidades, o clima é bem tranquilo”⁸.

7 Jovem de 13 anos. Conversa realizada no dia 12/10/2016.

8 Jovem de 14 anos. Conversa realizada no dia 12/10/2016.



Figura 7: Crianças se banhando no rio “Joaquim Antônio”.
Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

O “clima”, não é o da meteorologia, é o das relações dos fluxos de energias entre a comunidade e seu ambiente, seu “espaço telúrico” (DARDEL, 2015), podendo trazer conforto ou não, no entanto, emanando quase sempre da geograficidade desses sujeitos cognoscentes e seu ambiente (cognitivo), no cotidiano. A experiência se desvela por meio da linguagem poética, esta por sua vez, nos permite alcançar a vocação poética do poeta existente; o ser ribeirinho. Com isso, nos debruçamos em uma ontologia geográfica que nasce no labor diário das pessoas, a geografia, nessa conjuntura, é concebida como filosofia da imaginação em movimento espacial, no mesmo ritmo que os pequenos barcos se balanceiam no rio.

O MUNDO VIVIDO

O mundo vivido é um conjunto de realizações, fundamentadas no espaço da experiência e sedimentado pelos sorrisos das crianças, pela ansiosidade dos jovens e a preocupação familiar dos mais velhos. Sentimentos esses compartilhados como fluxos da existência entre-si, do ser-em-comunidade. O mundo vivido é o amanhecer na rede, é dormir se embalando com a sonoridade do rio na várzea. “É, portanto, real o espaço efetivamente abarcado pelo olhar do homem, espacializado pelo encontro atual com uma paisagem com que se depara e que se anuncia para ele” (DARDEL, 2015, p.51). Ribeirinhos, ser-paisagem.

Os sujeitos se realizam no espaço, e é a paisagem como conjunto indissociável entre a comunidade e a natureza física que os une e os atualizam na Terra, ao modo que “o nosso solo, não [é] aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.5). O solo é “ordenado e validado “como presença, como extensão, como semblante do poder que o habita” (DARDEL, 2015, p.52), ou seja, “significa ser parte de uma coisa grande, por que em comunidade todos somos família, aqui podemos passear de casco, ir na casa do vizinho, brincar bola”⁹

Para mim, essa fala é mais que uma simples forma de expressão. É um conjunto de atitudes que nos desvelam valores da existência de ser ribeirinho a partir das relações sociais intersubjetivas (Figura 8), que muitas vezes transcendem nossa mentalidade “urbanocêntrica”.

A ponte. Um lugar de inspirações e devaneios, de sonhos. As conversas se realizam como forma essencial daquilo que os habitantes deste lugar são; um lugar de encontros e desencontros entre amigos, familiares e amores. A ponte deixa ser meramente uma construção material e torna-se uma manifestação da estética poetizada da existência ribeirinha. E aí se metamorfoseia uma parte do habitar geopoético. Buscar uma compreensão geográfica das pessoas que habitam “Joaquim Antônio” é apreender uma epistemologia que nasce como semblante das relações espaciais dessas pessoas. De uma singularidade/ identidade amazônica que merece seu reconhecimento. A linguagem retorna então, como

⁹ Jovem de 13 anos. Conversa realizada no dia 12/10/2016.



Figura 8: Jovens e crianças sentados à beira da ponte.
Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

fundamento geográfico, a geografia, portanto, como filosofia poética da “imaginação em movimento” (BACHELARD, 1978).

E lá estávamos, dentro de uma pequena embarcação com várias crianças e jovens felizes e ao mesmo tempo tímidos com minha presença – confesso que estava intimidado também (Figura 9).

Estávamos indo à escola, um lugar inspirado pelas alegrias e os sorrisos desses pequenos habitantes de um mundo, desejantes – embora com a presença de algumas dificuldades – de estudar. Algo que fortificou minha busca pelo entender das relações entre a dita “geografia acadêmica” e a geografia do cotidiano ou vernacular daqueles que sobem na embarcação



Figura 9: Indo à escola, em uma embarcação de porte mediano com várias crianças, do ensino fundamental ao médio.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

tremulenta da forma mais natural como se estivesse em terra firme. Uma linguagem nasce entre esses jovens sorridentes e o rio, uma linguagem indecifrável, pois sua realização é um fenômeno signifiante da geografia das pessoas que habitam este lugar. Não é nossa, é deles.

As crianças e jovens esperam ansiosamente seu transporte como quem espera o presente de natal desejado. A linguagem do “movimento espacial” exige de nós o entendimento, como nos ensina Bachelard (1978), de que todas as nossas reflexões devem partir do lugar, da casa, dos aposentos, e assim sendo, “a experiência transcendente resulta de experiências vividas” (LOUREIRO, 2016, p.127). A escola, o barco, a ponte, a casa, onde as crianças e jovens estão e realizam enquanto tal, são pontos de encontros, um choque entre estrelas que (re)criam novos universos. Esta solidariedade geográfica concretizada pelos pontos de encontros como lugares na paisagem é a mais pura e sincera extensão da existência da comunidade. Um exemplo bem direto, e com uma profundidade muito grande, surge quando solto a seguinte questão às crianças: O que significa morar em uma comunidade ribeirinha?

As crianças tiveram muitas dificuldades ao me responder, sendo que algumas nem ao menos realizaram esta reflexão com a desculpa de “ser muito difícil”. Isso é encantador! De fato, qual o significado do significado? O que significa dar sentido a algo como, por exemplo, morar em uma comunidade ribeirinha? A busca de um significado é importante em termos de requisitos/objetivos de pesquisa acadêmica? Para essas crianças e jovens basta apenas sentir na alma e no corpo para saber que há um significado. Explicá-lo de forma sistemática como exige o tal “rigor científico” não faz muito sentido. Mais que explicar, é necessário entender! Ora, afinal, como diria uma das crianças de nossa embarcação: “[...] nós estamos perto de nossa família e nós se divertimos muito aqui”. E isso já basta.

O lugar não encontra-se na explicação cientificista, ocidentalizada, positivista, na normatização e sistematização formal do saber, mas no ato pulsante do sentir, no campo do experimentar a casa/rio/várzea/floresta enquanto potência de sua própria poesia e sua poetização. Por isso o problema está em entender que a luz que pode nos cegar é a mesma que ilumina aquilo que se desvela na paisagem. Como diria Eric Dardel: “movimento, combate, acontecimento, todo esse dinamismo deixa-se adivinhar no espaço concreto da Terra” (DARDEL, 2015, p.39).

A distância entre casa-escola é experimentada pelos jovens e crianças não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de **perto** ou **longe** (DARDEL, 2015). Está perto da família é se colocar no alcance de ser-em comunidade, sendo assim, o está “perto” é uma elaboração subjetiva da realidade objetiva, “é o que pode se dispor sem esforço” (DARDEL, 2015, p.10). O espaço geográfico pressuposto pela comunidade carrega consigo o sentido de liberdade humana “ao suprir ou reduzir as distâncias” (DARDEL, 2015). Como diria uma criança da comunidade: “aqui eu me sinto

livre para fazer o que eu quiser”. A vida ribeirinha é imensurável. Ela é sentida como um delírio consciente.

A GEOPOÉTICA DO HABITAR RIBEIRINHO

“Um dia tava só nós aqui, tudo eles saíram, o titio foi para novela, só nós do quarto ficamos, depois a visagem apareceu: ‘visagem aparece [...]’ eles ficaram com medo. O senhor deve ficar também [...]”¹⁰

A imaginação da criança, de 6 anos de idade, fala de seu lugar, o rio “Joaquim Antônio”, nos desvela um mundo, uma poesia. Uma geopoética do habitar ribeirinho. Uma densidade que mergulha no rio e volta a respirar na mata, na floresta. Em apenas um suspiro, compreende-se enquanto tal. Ribeirinho. Sintonia transcendental que emana da experiência, espreguiçando-se na abertura fenomenal de ser, como uma flor que nasce no campo, ou a chuva que cai nas folhas de palmeiras que servem como proteção da casa. A criança fala de seu lugar. A criança fala de seus sentimentos. A criança ao descrever seu mundo imaginário, revela seu fato de ser-no-mundo.

A criança, ao embalar-se em sua rede, me sugere à desconfiança dos barulhos que a noite traz, como aparição de visagens. Fiquei, certamente, encantado com tanto suspense, e por isso preferi obedecer. Como diria Saint-Exupéry (2015, p.10), “quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer”. E assim, a pequena criança, de 6 anos de idade, me fez entender o sentindo poético, que é ao mesmo tempo ontológico, de Lugar – a existência tomando forma como estética do habitar, neste caso, o habitar singular da comunidade “Joaquim Antônio”.

¹⁰Criança, 6 anos de idade, habitante de um lugar encantador: “Joaquim Antônio”.

Nesse entendimento, acredita-se que a “linguagem poética é a possibilidade da experiência do desocultamento do ser como tal” (DAL GALLO, 2015, p.43), ou seja, se a experiência segundo Tuan (2013), só é possível no movimento do corpo, isto é, pela motricidade como fala Merleau-Ponty (1994), significa dizer, que a linguagem poética nos possibilita ir ao encontro das “experiências geográficas” da comunidade “Joaquim Antônio”. São essas experiências geográficas que sustentam suas relações com a Terra, uma mensagem que ecoa da emergência de ser-no-mundo; devaneios da pre-sença constitutiva de uma linguagem autêntica. No anunciar significante das coisas. A linguagem, no entanto, não está subordinada ao ribeirinho, pois é **ela** que movimenta a vida no direcionamento subjetivo do sentindo essencial das coisas.

Descrever densamente os lugares das pessoas é demasiado difícil, um enigma. O lugar é o espaço do sentir. A localização, diferentemente do lugar, é estática, sem cheiro e sem sabor; o lugar tem vida, emoção e está intimamente ligado à estratégias do **existir**. Estamos falando de pessoas que habitam uma parte de nossa Amazônia, e falar de pessoas é considerar inexoravelmente suas multidimensões afetivas: alegrias e angústias, choros e risos, as histórias de vida. É levar em consideração os mitos, as religiosidades, a fé como princípios de uma topologia da existência:

Só eu e Deus vinha pra cá, esse ano que os pequenos tão vindo. Só eu e Deus, sozinho, nesse dia eu apanhei vinte cinco latas de açaí, mil reais fiz nesse dia. Só eu e Deus. Ia embora nessa mata, mas nunca aconteceu nada, graças a Deus. Agora eu só venho pegar depois de dez dias, agora vou dar uma roçada, dá uma limpada. Pra mim serve né, ganhar dinheiro. Teve um dia que eu tava sem dinheiro, veio só eu Deus, apanhei oito latas. Olha, amanhã já vou tirar para um terreno dali, lá tem muito, aqui tá paral. Eu já trabalhei muito cara, no tempo do Izan, da

Rosineia [filhos] (Conversa realizada no dia 12/10/2016, com o Sr. Ivan, no silêncio da mata).

O que o Sr. Ivan realiza com sua fé não escapa da paisagem, pois ela, a paisagem, agora é ato cognitivo de sua existência no espaço e no tempo, movida pelo corpo e percebida pela experiência, porém, sempre invisível ao simples lançar dos olhos. Em uma hermenêutica teológica, o sentindo sobre Deus é polissêmico assim como o da paisagem também o é. Percebi Deus, com base na fala do Sr. Ivan, como a esperança que vem da floresta, do rio, da pesca [...] uma força da natureza que afeta as atitudes e valores ambientais desses sujeitos. Até mesmo as casas, construídas sobre o rio, possuem uma arquitetura fenomenal doada pela natureza, ou seja, uma graça de Deus. Na confissão íntima no qual existe por



Figura 10: Casa típica do lugar, expressando uma relação visceral do ribeirinho com a Terra.

Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

gerações. Uma ligação subjetiva dos habitantes que forma seu mundo objetivo, e vice-versa (Figura 10).

Habitação típica da região, no qual a mesma é condição do meio. Significa dizer que “o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal [...] a natureza geográfica o lança a si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos” (DARDEL, 2015, p.9). Este é um lugar que compõe a paisagem de “Joaquim Antônio”, a ponte, o rio, a casa, são espaços de memórias, de encontros, choros e risos. A ponte como espaço concebido de um novo ser. A casa como dimensão material e simbólica da melancolia que bate à porta ao final da tarde.

As pessoas da comunidade me ensinaram que o rio é mais que o rio, pois ele transborda sua própria existência para além de meio da navegação, desvelando-se como espaço telúrico, sendo aquilo que Loureiro (2016, p.73) chama de “poética do imaginário na cultura amazônica”. Dizer isso é afirmar a importância de não acreditar “no erro de que a espacialização geográfica se produz somente em virtude de um comportamento ativo” (DARDEL, 2015, p.9), isso porque os homens, mulheres e crianças sofrem influência do ecossistema local. “É o desenvolvimento de uma ciência da libido em que o desejo brilha, o jogo estético evidencia-se, o prazer do olhar é dominante e o compartilhamento com a natureza é o prêmio” (LOUREIRO, 2016, p.127). Um sistema que amarra os habitantes da comunidade àquilo que se tornam diariamente junto a Terra. A “intimidade”, segundo Bachelard (1978) em “A poética do espaço”.

É esta intimidade, não somente como preocupação da psicologia, mas geográfica, que irá enriquecer o debate sobre a geopoética do habitar como dimensão da existência ribeirinha, e, conseqüentemente contribuir a novas perspectivas geográficas, sobretudo no que diz respeito à gestão e planejamento ambiental na região amazônica: “[...] mas é necessário tomar partido: fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há nem mesmo a geografia física, somente uma ciência vã” (DARDEL, 2015, p.8). O espaço chama nossa ação, e antes de qualquer ação, existe uma cultura em projeção. Essa projeção, no qual Bachelard (1978) chama de “imaginação”, é o potencial criativo de cada homem e mulher, jovem ou velho de “Joaquim Antônio”, de nossa complexa

Amazônia. Concebemos o espaço como liberdade desejada pelos seres humanos (TUAN, 2013), produto de sua existência (SARTRE, 2014) enquanto conjunto de infinitas possibilidades de ser:

Fora daqui é estranho. Aqui tu podes dormi, amanhece já sabe o que fazer, vai apanhar açaí, se quiser né, se não quiser [fala com anseio de risadas]. Mas isso é verdade, tem o camarão, a caça, o peixe, tudo pro cara comer. Agora se o cara for vadio, na casa vem doença, ainda tem isso também, mulher bonita tem. Assim vai a situação. A única queixa seria nosso representante do nosso rio, que não faz nada, que só faz despesa pro nosso bolso (Jovem de 23 anos de idade. Conversa realizada no dia 12/10/2016).

Outro espaço se torna “estranho” pelo fato de tangenciar o mundo vivido ribeirinho já construído, no “demorar-se”. As exigências ontológicas do modo de ser destes sujeitos. Quero dizer que, o lugar, “Joaquim Antônio”, é o único espaço no mundo que estes sujeitos podem descansar sossegados, pois estão sabendo que ali seus familiares, amigos e a proteção divina se fazem presente: “Em paz me deitarei e dormirei, porque só tu, Senhor, me fazes habitar em segurança” (SL 4:8). O lugar é uma habitação segura que é legitimada pelo ato de ser poeticamente.

A “conquista do espaço” de Tuan é o “estar em jogo” de Heidegger (1988). Palavras chaves que desencadeiam uma série de questões. A habilidade espacial já exposta só é possível na existencialidade, facticidade e na de-cadência, ou seja, da capacidade ribeirinha de projetar-se temporo-corpóreo-espacialmente no mundo circundante. Esse modo de “ver” o mundo e sua géographicité nos conduz a interpretar as intencionalidades à beira rio a partir de sua linguagem, reconhecendo a importância das existências singulares que se concretizam nos espaços experienciados e recheados de significados (SILVA, 2015).

Ser habilidoso espacialmente é entregar-se à responsabilidade de si mesmo e com outros entes no mundo, é “quando desejamos fazer algo diferente ou que sobressaia, necessitando então parar, considerar, pensar” (TUAN, 2013, p.244). Nesse contexto, “a habilidade espacial já pressupõe o ato em potência do **construir, habitar** e do **pensar** [...] que surge a partir de uma consciência experienciada que irá resguardar o presente vivido” (SILVA, 2015, p.80-81). Por isso, acreditamos que, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 2013, p.96).

Por um lado existe uma apreensão subjetiva da realidade objetiva, chamamos a isso de percepção (MERLEAU-PONTY, 1994; TUAN, 2012; 2013). O ato de perceber, em certa medida, não estaria vinculado ao ato da linguagem? Afinal, como afirma Heidegger (2003, p.3), a linguagem “é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem”. A linguagem, portanto, fruto daquilo que é percebido, ligará o ribeirinho à paisagem enquanto habitação, pois, a linguagem para além de simples agrupamento de palavras e ideais, é a função existencial dos homens e mulheres no que diz respeito a sua intimidade com a Terra (Figura 11).

O sol já anunciava um novo dia. O galo cantava às 05h45min da manhã. Estávamos indo apanhar açaí no terreno do sogro do Sr. Ivan. Para mim, admito, não foi nada fácil está acordado com toda “vontade de potência” que estes sujeitos apresentam. Ao mesmo tempo – também devo confessar – que melhor sensação nunca tive: de liberdade. É como se toda essa imensidão oferecida pela natureza atravessasse meu ser. Me sentir parte **dela**. O ar frio; os olhos lacrimejando de esperança, do Sr. Ivan e seus filhos, ansiosos para ver o açaí preto apanhado e vendido com sucesso eram seu motor. O Sr. Ivan representante da experiência-sensível (memória) e os seus filhos, o futuro (motor). Nesse momento ímpar, desvelaram-se quatro

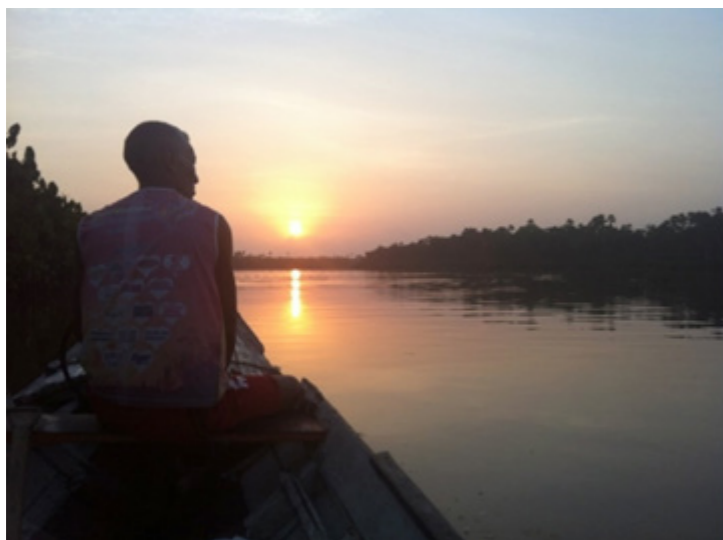


Figura 11: Nesse momento, estamos indo “apanhar” o açai.
Fonte: SILVA, F. K. R. da, 2016.

potências: o sol, o rio, a floresta e o homem. Um conjunto complexo da existência que se concretiza no espaço-tempo vivido como geopoética do **habitar ribeirinho**.

A paisagem como habitação é o esclarecimento dessa linguagem “poética-estetizante” enquanto realidade geográfica da comunidade “Joaquim Antônio”. Paisagem é a linguagem sempre em transformação no qual “o homem toma consciência do fato de que ele habita a Terra” (BESSE, 2015, p.119). Parece óbvio essa “definição”, mas não o é. Significa dizer que a paisagem como habitação poética está para além do olhar, sendo um desdobramento corpóreo-temporo-espacial, isso porque é limpidez que “afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p.31). Num sentindo

geral, a paisagem é o próprio homem, a mulher, a criança e os mais velhos, indivisíveis em um projeto cosmológico uno de um Todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – AQUILO QUE DÁ INÍCIO À SUA ESSÊNCIA

O presente estudo é um desdobramento de inquietações geofilosóficas no contexto Amazônico, que veio ganhando forma no âmbito de meu Mestrado em Geografia (PPGEO/UFGA) intitulado “Paisagem, Memória e Cultura: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia Marajoara (Pará)” (SILVA, 2017). Pretendeu-se, neste breve artigo, compreender a relação entre os habitantes de uma comunidade ribeirinha e seu ambiente no contexto do espaço vivido e da dinâmica socioambiental da comunidade, resgatada na memória, percepção e vivência individual e comunitária. A partir do diálogo entre fenomenologia e existencialismo como procedimento metodológico indissociável de se pensar um projeto humanista em geografia, admitimos a existência da **geopoética do habitar ribeirinho**, que se faz necessária para pensarmos a existência humana como ponto de partida da reflexão geográfica, neste caso, das populações ribeirinhas na zona fisiográfica marajoara que se realizam por via das experiências cotidianas, nas atitudes e valores ambientais como dimensões da cultura.

Descrever que **poeticamente o homem habita** no contexto Amazônico é antes de qualquer coisa, reconhecer a região para além da conceituação prévia de “espaço vazio”, portanto, constituída por geograficidades diversas. Nesse sentido, a importância da paisagem, chama nossa atenção como a realidade dos homens e mulheres onde eles estão, por isso **ela** põe em questão sua totalidade existencial no mundo enquanto ser ribeirinho, num projeto de contato com outros entes-no-mundo. À vista disso, convida-se para discussão autores como Bachelard, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty (BACHELARD, 1978; HEIDEGGER, 1988; SARTRE, 2014; 2015; MERLEAU-PONTY, 1994), como possíveis horizontes filosóficos para *pensar a geopoética do habitar ribeirinho* à luz de sua própria poetização.

Em nosso caso, estimular pontos de encontros entre Geografia e Fenomenologia, além de ser um exercício teórico-metodológico, é um exercício prático, no qual sua praticidade surge

ao trazer a importância das experiências do ser-no-mundo ribeirinho, desvelada em seu cotidiano, pertencente há um tempo lugarizado. Porém, isso não indica compreender a comunidade como lugar fechado em si, mas em conexão com outros espaços, descobrindo, assim, um mundo que reconhecemos como intersubjetividade, um mundo no qual a comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio” decide o que ela é e o que as outras coisas são.


O sentido de comunidade é ontológico e epistemológico, isso porque diz respeito à totalidade existencial do ser ribeirinho e suas relações na estruturação de seu espaço geográfico: o ser-em-comunidade (ser-no-mundo) e o ser-com-os-outros-em-comunidade, que dizem respeito ao *Dasein*. O primeiro refere-se ao ser ribeirinho em sua autenticidade em comunidade, o segundo ao inautêntico, isto é, como existência mergulhada no **público** que o classifica pelo Todo. Paradoxalmente, ambos coexistem em termos de **projeto** e historicidade única, compartilhada espacialmente na **finitude** do ser, ambas emergindo das possibilidades do *Dasein*, isto é, de sua **abertura** enquanto ser-em-comunidade e ser-com-os-outros-em-comunidade.

Assumo como princípio ativo de minha perspectiva geográfica, que “é necessário ser capaz de admirar com veemência e penetrar com amor no íntimo de muitas coisas; faltando isso, não há como ser filósofo [e tão pouco geógrafo]”, assim falou Nietzsche (2010, p.19). Aos geógrafos é fundamental que se libertem da matematização da realidade; aos geógrafos é necessário o entendimento de que “o essencial é invisível para os olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.70); aos geógrafos e aos interessados na multiplicidade do tempo-espaço, é “necessário querer viver os grandes problemas, por meio do corpo e do espírito” (NIETZSCHE, 2010, p.19), isto é, um desempenho de compromisso, e desapego das tradições que “dualizam” perversamente nossas realidades (FOUCAULT, 2001).

Mediante ao alerta de Foucault (2001), é fundamental que nos lancemos aos problemas mais profundos e percebamos que somos partes fundamentais de um Todo que se anima entre choques de vontades, lutando no campo do existir: a geopoética do habitar, que naturalmente rompe com as dicotomias impostas pelo saber acadêmico (DALGALLO, 2015). Daí, passamos a entender a importância da percepção como algo que une o mundo interior e exterior em um projeto de síntese, ou seja, o homem enquanto ser-no-mundo. Como projeto de ação da existência em ato (SILVA, 2009), a percepção deixa de ser somente aquilo que caminha em direção ao mundo, como estímulo-resposta, mas agora se entrega a uma natureza que se retroalimenta nas estruturas corpóreas-temporo-espaciais entre os homens, mulheres e crianças com o mundo exterior (MERLEAU-PONTY, 1994).

A linguagem poética adotada nesta pesquisa anuncia uma possibilidade à compreensão perceptível do habitar ribeirinho em suas dimensões ontológicas, isto é, a linguagem poética como metodologia que nos possibilita ir ao encontro do “ser” ribeirinho, sua verdade enquanto tal, seu “mundo da vida”; a essência de uma geografia que nasce como semblante das alegrias e angústias ofertadas pela ousadia do existir. O ato de existir já pressupõe um espaço para sua realização, espaço este que encontra-se ligado aos sistemas de significação de mundo, isto é, a uma cultura.

Precisamos pensar diferente da tradição – essa, certamente, não é uma tarefa fácil – e, com isso, incluir novas dimensões de análise que certamente estão para vir a se desvelar no espaço experienciado. Uma nova interpretação dirigida aos homens livres, para os quais não há proibição de pensar e agir, sobretudo por uma geografia que considere e respeite a poética dos espaços amazônicos, as temporalidades que

nascem no lugar e fundamentam sua existencialidade como consciência-meio da realização humana no mundo circundante. 

REFERÊNCIAS

AMARAL, D. D. et al. **Campos e florestas das bacias dos Atué e Anajás, ilha do Marajó, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

BESSE, J. M. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.111-139.

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos avançados**, v.19, n.53, p.71-86, 2005.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

CLAVAL, P. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, v.01, p.19-28, 2002.

COSTA, V. E. S. M.; MEDEIROS, M. O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. **Psicologia em Estudo**, v.14, n.2, p.375-383, 2009.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAL GALLO, P. M. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em "Out of Africa"**. 2015. Dissertação (Mestrado

em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

EPÍCURO. **Carta sobre a felicidade**. Trad. Arrighetti. Epicuro. *Opere*. Torino, 2007.

FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

FOUCAULT, M. Outros espaços. **Ditos e Escritos**, vol III, p.411-122, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, R. A. A. A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória. **Geograficidade**, v.6, n.2, p.13-29, 2016.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e Conferências**. Trad. Emanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 2001

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ – IDESP. **Muaná: estatística municipal**. Belém: Governo do Pará; Sepof; Idesp; 2011.

LISPECTOR, C. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Estudos Avançados**, v.16, n.45, p.107-121, 2002.

LOUREIRO, J. de J. P. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. **Arteriais**, v.3, n.3, p.8, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

A geopoética do habitar na Amazônia-Marajoara (Pará): fenomenologia da experiência ribeirinha
Felipe Kevin Ramos da Silva

MERLEAU-PONTY, M. A natureza: notas: cursos no Collège de France. São Paulo, 2000.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010.

NUNES, B. **A clave para o poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, L. de. Que é geografia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, Ano 11, n.21 e 22, p.89-95, jan./dez. 1999.

OLIVEIRA, L. de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR et al. (org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2015, p.3-32.

PEREIRA, E. A. D. As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina paraense. **Tese** (Doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

PANTOJA, W. W. R. Educação do Campo à beira da “Faixa”: a (in) existência do lugar como espacialização do fenômeno. **GeoTextos**, v.11, n.2, 2015a.

PANTOJA, W. W. R. O princípio geográfico de conexão frente à “universalização do ensino básico” no Brasil – o caso transamazônico (no estado do Pará). **Geosul**, v.30, n.60, p.165-190, 2015b.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **The Canadian Geographer**, v.14, n.3, p.193-201, 1970.

SAINT-EXPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. 1ª Ed. São Paulo: Escala, 2015.

SARTRE, J. S. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SARTRE, J. S. **O que é a subjetividade?** Trad. Estela dos Santos Abreu. 1. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, A. C. A aparência, o Ser e a forma – geografia e método. **GEOgraphia**, v.2, n.3, p.7-25, 2009.

SILVA, F. K. R. **Geografia e Fenomenologia**: por uma ontologia do espaço e do lugar. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015, 94p.

SILVA, F. K. R. Memória, Percepção & Experiência: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará). **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Federal do Pará, Belém, 2017, 152p.

TUAN, Yi-Fu **Topofilia**: um estudo da percepção. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.4-18, 2014.

Submetido em Abril de 2017

Revisado em Junho de 2017

Aceito em Junho de 2017